Da autora de *A chave de Sarah*

intrínseca

A Outra História

TATIANA DE ROSNAY

A Outra História

A Outra História

TATIANA
DE ROSNAY

TRADUÇÃO DE FLÁVIA RÖSSLER

intrínseca

Copyright © 2013, Éditions Héloïse d'Ormesson

TÍTULO ORIGINAL
The Other Story

PREPARAÇÃO
André Marinho

REVISÃO
Carolina Rodrigues
Milena Vargas

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Diagramação e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
Michael Storrings

FOTOGRAFIA
Susan Fox/Trevillion Images

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Aline Ribeiro

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R735o

Rosnay, Tatiana de
A outra história / Tatiana de Rosnay; tradução Flávia Rössler.
- 1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.
272 p. ; 23 cm

Tradução de: The other story
ISBN 978-85-8057-933-8
1. Romance francês. I. Rössler, Flávia. II. Título.

16-30905 CDD: 843
CDU: 821.133.1-3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Este livro é para Heloïse e Gilles (eles sabem por quê).
E para Sarah Hirsch (ela também sabe por quê).

In memoriam

Minha avó, Natacha Koltchine de Rosnay
(São Petersburgo, 1914 — Sens, 2005)

Meu tio, Arnaud de Rosnay
(Paris, 1946 — Estreito de Formosa, 1984)

Esqueça os livros que você quer escrever.
Pense apenas no livro que está escrevendo.
HENRY MILLER

Não se deve escrever por querer dizer alguma coisa,
e sim porque se tem algo a dizer.
F. SCOTT FITZGERALD

Parte 1

Sexta-feira

15 de julho de 2011

"Tudo é vaidade. Nada é justo."
William Thackeray

Capítulo 1

Quando chegou ao Gallo Nero, Nicolas teve a sensação de que não estava em um hotel, mas na casa de alguém. Era uma mansão cor de ocre, com telhado vermelho-escuro e venezianas verdes. Lamborghinis, Ferraris, Porsches e Jaguares estavam estacionados a uma pequena distância. Ele subiu alguns degraus e a porta se abriu. Uma mulher esbelta de terninho preto pronunciou seu nome como se fosse o som mais fascinante do mundo. Malvina e ele entraram em um saguão que em nada lembrava a recepção de um hotel; mais parecia a entrada acolhedora da casa de amigos: piso de cerâmica, teto sustentado por vigas, uma lareira de pedra encimada pela pintura de um galo, sofás brancos confortáveis, almofadas de cores vibrantes, plantas, mesas baixas cobertas por pilhas de livros e revistas. Pelas amplas janelas, era possível ver o terraço iluminado por velas, de onde chegava o murmúrio de vozes, risadas, o tilintar de cubos de gelo, o som de um piano que tocava "Garota de Ipanema". O Gallo Nero cheirava a canela e sol, limão e lavanda, mas, sobretudo, a prazer e dinheiro.

Duas semanas antes, em Paris, em um dia abafado do início de julho, Frédérique, jornalista de uma revista de moda, jovem, linda, de olhos azuis e sorriso largo, tinha comentado durante um almoço no Cigale Récamier: "Nicolas, você precisa ir ao Gallo Nero."

Ela descrevera o hotel como o lugar ideal para uma glamorosa fuga da rotina. O nome era fácil de lembrar. O Galo Preto. Ele se informou a respeito. Exclusivo. O tipo de lugar onde poucos e felizes privilegiados se reuniam com enorme discrição. O resort ficava em uma pequena ilha na costa da Toscana. Tinha uma praia rochosa privada, acessível por um elevador panorâmico ao estilo James Bond e construído dentro do penhasco, além de um chef famoso, quadras de tênis e uma piscina de água do mar no formato de um grão de feijão. Os preços eram obscenos. Mas isso era tentador. Ele estava louco para fugir do sufocante verão parisiense. E não voltava à costa italiana desde 2003, quando viajou com François, seu melhor amigo. Ligou para o Gallo Nero, e a complacente pessoa que atendeu o telefone logo informou:

— Sinto muito, *signor*, não temos disponibilidade para esta data. As reservas são feitas com meses de antecedência.

Nicolas murmurou uma justificativa e arriscou:

— Posso deixar meu nome e telefone para o caso de haver alguma desistência? É aniversário da minha namorada e... bem...

Um suspiro no outro lado da linha. Ele supôs que aquilo significasse um sim e continuou:

— Nicolas Kolt.

Antes mesmo de começar a informar o número, ouviu o que lhe pareceu um gemido abafado.

— Desculpe. O senhor disse Nicolas Kolt?

A mulher parecia ter dificuldade para respirar, como se alguém a sufocasse. Ele começava a se habituar a esse tipo de reação, e não se sentia incomodado.

— O escritor? O autor de *O envelope*? *Signor* Kolt, devia ter dito logo seu nome. É claro que temos um quarto disponível, na verdade, um dos mais bonitos, com uma vista fantástica do monte Argentario. Quando vai chegar, *signor* Kolt?

Chegaram na quinta-feira tarde da noite, Malvina quase se arrastando depois da longa viagem, um voo de Paris para Roma, onde um motorista os aguardava para levá-los até a costa. Na manhã de sexta-feira, Malvina continua dormindo no amplo quarto que é mesmo lindo. Uma paleta elegante de tons de bege e areia, aquarelas de vilarejos italianos, cortinas e colchas cor de creme. Rosas brancas, pequenas tigelas com figos e uvas. Um envelope com uma saudação pessoal do administrador do hotel, Dr. Otto Gheza.

Nicolas se levanta cedo, toma cuidado para não acordar Malvina, e, por trás das cortinas, espia o terraço com duas espreguiçadeiras, uma mesa quadrada de madeira e vasos com pés de louro. Ele veste rapidamente seu calção de banho e o roupão macio pendurado atrás da porta do banheiro e, em silêncio, sai para tomar café da manhã no terraço segurando um Moleskine e uma caneta-tinteiro Montblanc preta.

Nicolas não consegue deixar de reparar que todas as funcionárias, da camareira à empregada que repõe as garrafas de água, parecem saber seu nome. Conhecem e pronunciam seu sobrenome corretamente, à moda russa, com um "o" bem fechado, como se tivessem certeza de que se trata de uma corruptela de Koltchine. Sorriem para ele, e não há hipocrisia em seus sorrisos, tampouco bajulação e subserviência. Há poucos quartos, ele explicou a Malvina durante o voo, talvez não mais de vinte. O hotel fecha durante o inverno, mas fica lotado de abril a setembro. Também contou a Malvina que, segundo o que leu no site, o Gallo Nero era resultado do sonho de um casal, um piloto americano e uma herdeira romana que se apaixonaram e construíram uma bela casa com vista para o mar na década de 1960. Como não tiveram filhos, trinta anos depois venderam a propriedade para um rico italiano, que a transformou em hotel. Malvina achou a história romântica, o que Nicolas já esperava. Ela realmente acreditava em romances, um aspecto de sua personalidade que costumava encantá-lo.

O bufê de café da manhã é servido embaixo de grandes guarda-sóis quadrados. Quase não há barulho. Apenas o zumbido de um irrigador automático, o trinado de um pássaro invisível, o ronco abafado de um avião no céu sem nuvens. Embora ainda seja muito cedo, vários hóspedes já fazem a primeira refeição do dia. Nicolas é conduzido até uma mesa com vista para o oceano e se senta. O mar cintila, imenso e turquesa, salpicado de iates, balsas e cruzeiros. Um garçom pergunta se ele prefere chá ou café, e ele pede um Lapsang Souchong. Em cinco minutos o chá é levado à sua mesa em um bule pesado. Ele espera um instante antes de se servir. Um homem de terno escuro, que parece inteligente, anda até ele como se deslizasse, inclina a cabeça e murmura:

— Tenha um bom dia, *signor* Kolt.

Nicolas retribui o cumprimento, perguntando-se se o homem é o administrador do hotel, Dr. Gheza, e pensa que devia ter dito algo ou pelo menos se levantado. Bebe um gole de chá, se delicia com o sabor defumado, tira o pequeno caderno do bolso, coloca-o na mesa a sua frente e abre-o na

primeira página. Lê as últimas anotações. São para o maldito livro que ele finge escrever. Para que pareça um verdadeiro escritor, para que digam, com convicção e honestidade, que Nicolas Kolt trabalha em seu novo romance ansiosamente aguardado por todos, a continuação, sim, aquele livro. Anotações para que Alice Dor (editora e agente francesa) e Dita Dallard (assessora de imprensa) se sintam aliviadas. Para que Emma Duhamel (mãe), sobrenome de solteira Van der Vleuten, se sinta aliviada. Anotações para que Malvina Voss (namorada) se sinta aliviada. Para que Delphine Valette (ex-namorada) e a filha dela (Gaia Garnier), Elvire Duhamel e Roxane Van der Vleuten (tias) se sintam aliviadas. Anotações para que Lara Martinvast (melhor amiga) se sinta aliviada. Para que Isabelle Pinson (gerente de banco) e Corinne Beyer (especialista em impostos) se sintam aliviadas. Anotações para que Agneta Sandström (editora sueca), Carla Marsh (editora norte-americana), Ursula Berg (editora alemã), Lorenza Manfredi (editora italiana), Marije Gert (editora holandesa), Alina Vilallonga (editora espanhola) e tantas outras, todas as mulheres que o cercam e se preocupam com ele, ligadas ou não ao mundo editorial, fiquem aliviadas. Nicolas está escrevendo seu novo romance. Olhem para ele, vejam como rabisca sem parar, os olhos baixos e a testa franzida em profunda concentração enquanto a caneta desliza de modo frenético. O que essas mulheres ansiosas não sabem é que seu bloco de anotações contém apenas rabiscos e frases sem sentido, sem estrutura, meras sequências de palavras ligadas umas às outras como as pérolas de um colar. Nicolas pensa na facilidade do processo de escrita de *O envelope* e se sente culpado. Escreveu seu primeiro romance há quatro anos, na mesa bamba da cozinha de Delphine, na rue Pernety, com Gaia tagarelando de um lado, a chaleira chiando do outro, Delphine ao telefone com sua mãe ou com o pai de Gaia. Ninguém podia impedir que as palavras saíssem de dentro dele, que jorrassem com paixão, raiva, medo e prazer. Em nenhum momento sua inspiração esteve adormecida. Quantas vezes contara essa história aos jornalistas? Eles pareciam não se cansar de ouvi-la. "E a ideia do romance realmente surgiu depois da renovação do seu passaporte?", perguntavam, e continuam a perguntar. Como Nicolas poderia dizer hoje que não há um novo livro porque ele não encontra tempo para escrever, porque prefere ser alvo da constante atenção da mídia, da inabalável adoração de seus leitores?

À esquerda dele, um casal sério e calado. Nicolas os observa. Gosta de olhar para as pessoas, prestar atenção em seus rostos, nas roupas, nos relógios. Desde

muito pequeno ele repara em relógios. Agora, com a fama recente e a consequente riqueza, também observa marcas, logotipos, roupas, sapatos, óculos de sol, uma característica que desagradava Delphine, sua ex. Durante os dolorosos momentos do fim do relacionamento, ela sentia prazer em censurá-lo por ter mudado tanto. Por ter se tornado tão fútil.

O homem lê, a mulher examina as unhas. Franceses, diria ele. Na faixa dos cinquenta anos. Ele é magro, está bastante bronzeado e os cabelos começam a rarear (o que sem dúvida o incomoda). Exibe no pulso um relógio Breguet. Camisa azul-marinho com um pequeno crocodilo verde. A senhora adotou mechas na cor preferida das mulheres dessa idade. Louro menopausa. Vestido chemise verde-claro. Ele se pergunta se os dois têm transado. Pela tensão ao redor de sua boca, é provável que ela não chegue ao orgasmo com frequência. E com certeza não com o marido, a julgar pela posição do seu corpo, virado para o outro lado. O homem mastiga seus cereais e bebe café. A esposa belisca e revira uma salada de frutas. Por um instante, para de examinar as unhas e vira-se para o mar. Uma expressão melancólica toma conta de seu rosto. Deve ter sido uma mulher bonita, tempos atrás.

À direita de Nicolas, outro casal. Mais jovem. Ela com trinta anos, talvez. Parece do Mediterrâneo, pele morena, ombros arredondados, cabelos crespos rebeldes e difíceis de pentear. Óculos escuros, de marca italiana. Ele é do Oriente Médio, gorducho, peludo, com um cigarro entre os lábios. Relógio Rolex Daytona preto. Tem três celulares alinhados na mesa como se fossem armas que acabaram de ser disparadas. Pega um, fala alto ao mesmo tempo em que solta baforadas. A mulher se levanta para admirar a paisagem. Suas pernas são uma decepção: curtas, atarracadas, com tornozelos grossos. Usa sandálias de salto plataforma com tiras brilhantes. Provavelmente as deixa sempre ao lado da cama e as calça até para ir ao banheiro.

Nicolas escolhe seu café da manhã. A variedade é de dar água na boca. Ele pega granola, melão e iogurte. Os franceses já saíram. Espera jamais acabar daquela maneira, tão cheio de amargura. Pensa na mãe, Emma, e sente-se culpado. Há muito tempo não a visita. Promete a si mesmo que ligará para ela. Enquanto come a granola, imagina sua mãe no apartamento da tranquila rue Rollin, onde ele cresceu. Os livros enfileirados ao longo do corredor, os jornais amontoando-se no escritório, o ruído distante da movimentada rue Monge entrando pelas janelas abertas, as paredes impregnadas de literatura e conhecimento. A mãe curvada sobre pilhas de provas, caneta vermelha na

mão. Suas anotações rápidas e certeiras no papel. Ligará para ela ainda hoje, sem falta. Conversarão um pouco, ele encontrará uma data para almoçarem juntos em algum dia entre o evento de Singapura e a viagem à Escandinávia e a levará ao restaurante grego que ela adora, na rue Candolle. Sentará com ela e a ouvirá falar de suas angústias, das idas e vindas de sua complicada relação com Renaud, um divorciado infeliz, de suas dificuldades com os alunos de filosofia do Collège Sevigné. E, como sempre, ele pensará que a mãe não aparenta ter cinquenta e dois anos, ainda encantadora com seus olhos de um tom cinza enevoado, a pele clara que enrubesce quando ela se irrita, o nítido sotaque belga que ela nunca perdeu, embora viva há mais de trinta anos em Paris. Sua mãe, que mora sozinha desde a morte do marido, pai de Nicolas, dezoito anos atrás. Ele é seu único filho. Ela teve uma coleção de amantes e alguns namoros desastrosos, mas continua sozinha, apesar do instável relacionamento com Renaud. Nicolas sabe que, durante o almoço, ela esquecerá por um instante o prato de mussaca, erguerá os olhos enevoados e dirá: "Espero que tudo isso não o tenha mudado demais." E quando disser "tudo isso", ela fará no ar um de seus gestos vagos e delicados, desenhando círculos com os dedos. Nicolas sabe que ela encontra com frequência sua ex-namorada. Delphine aparece para almoçar ou tomar chá, acompanhada da filha, Gaia, agora com treze anos, a mesma pequena Gaia que ele viu crescer por cinco anos. Sabe também que as três se sentam na cozinha de Emma e conversam sobre ele. Dizem que ele mudou. Sim, "tudo isso" o fez mudar. E como "tudo isso" não o mudaria?

Malvina aparece de repente na mesa do café da manhã. Seu rosto está inchado de tanto dormir, e há marcas do lençol, vincos na pele que a fazem parecer mais velha. Está estranhamente pálida.

— Feliz aniversário — diz ele. — Vinte e dois anos!

Ela dá um sorriso discreto, ele afaga o cabelo de Malvina. Pergunta se quer suco de laranja, chá, um bolinho. Ela indica que sim com a cabeça. Ele volta para o bufê. O homem peludo continua ao telefone e faz gestos bruscos no ar com o dedo indicador rechonchudo. A morena de pernas curtas sumiu. Nicolas e Malvina tomam o primeiro café da manhã no Gallo Nero em silêncio. Não conversam, mas entrelaçam as mãos. Nicolas fica contente ao perceber que os olhos de Malvina são da mesma cor do mar logo atrás dela. A pele é macia. Frágil. A ternura protetora que ele sente pela namorada o faz apertar seu pulso, agarrá-lo como dois acrobatas seguram um ao outro em pleno ar.

O presente de aniversário de Malvina está no quarto, na mala. Ele o dará mais tarde, à noite, durante o jantar. Um relógio. Foi difícil conseguir o modelo que ele queria. Achou o objeto na internet e encontrou-se com o vendedor, um sérvio espertalhão, no bar do Grand Hotel Intercontinental, na rue Scribe. "Por que gosta tanto de relógios?" Ele agora ouvia essa pergunta em quase todas as entrevistas. Fora divertido respondê-la na primeira vez, dois anos antes. A jornalista era uma loura voluptuosa com olhar sagaz. No Ambassade Hotel em Amsterdã, localizado no canal Herengracht, ele tivera uma tarde de entrevistas, uma após a outra, para o *De Telegraaf,* o *Algemeen Dagblad,* o *De Volkskrant*. De vez em quando, Marije, editora de Nicolas, abria a porta da sala privativa para verificar se ele estava indo bem. *O envelope* alcançara de modo inesperado um grande número de vendas nos Países Baixos, antes mesmo do lançamento de sua adaptação cinematográfica. A imprensa estava impaciente para saber mais sobre o jovem escritor francês que surpreendera o mundo editorial com um romance de estreia sobre um segredo de família considerado tabu.

— Em todas as fotos você usa um relógio diferente — observara a loura. — Às vezes até um em cada pulso. Por que isso?

E então ele explicara. Seu primeiro relógio, um Hamilton Khaki, havia sido presente do pai em seu décimo aniversário. Tinha mostrador duplo, preto, grandes algarismos arábicos, de um ao doze, e um anel interno com números menores, de um a vinte e quatro, uma pequena janela de data na altura das três horas, pulseira escura de couro, caixa de aço inoxidável e um estilo militar simples e austero. "Os soldados usavam esse relógio no Vietnã", dissera seu pai quando Nicolas abriu o pacote, maravilhado. Seu primeiro relógio.

— A gente jamais esquece o primeiro relógio — respondera para a jornalista.

O pai morrera pouco depois de lhe dar o presente. O Hamilton Khaki tornara-se uma relíquia. Um talismã. Nicolas não o usava, mas o mantinha sempre à vista. Quando viajava, o relógio ia junto. Olhava para ele com frequência, e bastava admirá-lo ou colocá-lo na palma da mão para evocar, como um Aladim, a imagem de Théodore Duhamel no último de seus gloriosos trinta e três anos de vida, imponente ao lado da lareira na rue Rollin, segurando o habitual charuto entre os dedos longos e finos. O pai tinha um DOXA SUB de mostrador cor de laranja que nunca tirava do pulso. Nicolas sempre pensava naquele relógio, que não foi encontrado após a morte de Théodore Duhamel.

— Às vezes uso dois porque não consigo escolher. Cada relógio conta uma história — respondera Nicolas à loura. — Quem me deu, em qual ocasião. Ou eu mesmo o comprei, onde e como. Não estou interessado em modelos da moda, embora os admire.

(Ele tinha em mente o Rolex que dera para a mãe no aniversário dela de cinquenta anos, um Oyster Perpetual 1971, com a inscrição "Tiffany & Co.", comprado na rue de Sèvres, em uma de suas lojas preferidas. Mas não o mencionara, pois aprendera a ser cauteloso com a palavra "Rolex", ainda mais na frente de uma jornalista com um Swatch no pulso.)

— Prefiro os tipos mais raros, difíceis de encontrar, que sejam mais resistentes.

A loura concordara com a cabeça.

— Entendo — respondera ela. — Assim como sua heroína, Margaux Dansor? Uma mulher que viajou muito, viu de tudo, mas ainda tinha coisas a descobrir?

Que jogada habilidosa a dela, percebeu ele, ao abordar sua paixão por relógios antigos e associá-la a Margaux, sua heroína de meia-idade. Um homem de vinte e seis anos que tinha imaginado com grande sucesso uma dona de casa de quarenta e oito. Uma daquelas heroínas verossímeis, pitorescas, sérias apesar de bobas, e ainda assim irresistíveis. Filha, esposa, irmã, mãe, uma mulher que podia ser sua vizinha. Uma personagem de ficção que o tornou famoso no mundo inteiro e que mais tarde ganhou vida no cinema na pele de Robin Wright, na adaptação de Toby Bramfield, uma atuação que rendeu à atriz um Oscar em 2010.

Será que Malvina vai gostar do presente? Ele a observa saborear o bolinho. Malvina tem a pele clara, é esbelta, de proporções perfeitas. Tem ascendência heterogênea: mãe polonesa e pai galês. Não é de falar muito. Todos os seus gestos são intensos. Estão juntos há nove meses. Nicolas a conheceu em Londres, quando esteve na cidade para um evento na embaixada francesa em Knightsbridge. Aluna promissora do Royal College of Arts, ela assistira à sua palestra e depois pedira um autógrafo no seu exemplar do livro. Havia algo de sereno e tranquilo em seu rosto, em seu sorriso. Nicolas ainda sofria com o fim do relacionamento de cinco anos com Delphine. Depois de uma sucessão de mulheres sem rosto, um caso atrás do outro, aquela moça de olhos azuis, calada e melancólica, o encantara. Ele a convencera a jantarem juntos em um restaurante japonês em Brompton Road. Durante o encontro, ela revelou um humor satírico que o conquistou. Ele riu tanto que quase se engasgou com um

rolinho primavera e, pela primeira vez desde Delphine, teve esperança de que, de algum modo, aquela jovem adorável pudesse ser a pessoa que o ajudaria a esquecer a ex-namorada ou que, pelo menos, o ajudaria a finalmente virar a página. Levou-a de volta ao hotel Langham, na Regent Street. O ardor com que ela o abraçou durante o sexo o tocou profundamente. Quando depois ela adormeceu em seus braços, ele de repente se sentiu seguro com ela, muito mais seguro do que jamais se sentira com qualquer mulher desde Delphine.

Nicolas gosta do fato de ela não falar muito. Ela não estaria ali com ele se fosse uma tagarela. Enquanto Malvina se serve de mais café, ele reflete sobre o que devia estar fazendo no Gallo Nero. Escrevendo o livro novo, claro, mas também tirando uma folga, muito merecida, aliás, depois do ano agitado que teve. Quantas viagens? Impossível contá-las. Seria preciso conferir o calendário para ter certeza. Viagens curtas pelo país para participar de feiras de livros, sessões de autógrafos, encontros com estudantes, entrega de prêmios literários, e depois a mesma agenda no exterior, em uma dúzia de países distintos para as publicações internacionais de *O envelope* e, por fim, o recente alvoroço com o lançamento do filme, o Oscar de Robin Wright, a campanha de divulgação nos Estados Unidos, na Europa, e as edições com a capa do filme, que tinham voltado para as listas de mais vendidos. Nicolas havia se permitido uma série de extravagâncias com as quais sua editora e agente francesa, Alice Dor, não concordara. Anúncios publicitários para um perfume masculino produzidos na costa da ilha de Néxos que deram o que falar, em que, seminu, ele posara relaxadamente em um iate. A propaganda em preto e branco para uma marca de relógio, que parecia estar em todas as revistas que ele abria. "Precisava disso?", gritara Alice Dor. "Não me diga que precisa de mais dinheiro."

Não, com trinta milhões de exemplares vendidos no mundo inteiro e um filme vencedor do Oscar, ele não precisava de mais dinheiro. Na verdade, Corinne Beyer, sua consultora financeira, cuidava justamente disso. Se o dinheiro continuasse a entrar daquele jeito, ela avisara, seria melhor pensar em deixar a França e morar em outro lugar para evitar impostos.

Malvina e ele voltam para o quarto. Ela é uma namorada meiga e carinhosa. Tão ardente que às vezes quase o faz chorar, embora tenha certeza de que não a ama. Pelo menos não como amava Delphine. Ela se deita na cama e lhe oferece suas coxas bronzeadas. Mais tarde, enquanto estão embaixo do chuveiro, a ossatura frágil de Malvina traz à sua mente a lembrança da pele leitosa de Delphine,

o quadril delicado sob suas mãos, no banheiro da rue Pernety. Consternado, ele pergunta a si mesmo se algum dia amará outra mulher tanto quanto amou Delphine. Dois anos, já. Quando o nome dela soará como o de qualquer outra mulher? Quando ele deixará de se perguntar se ela toma banho com outros homens, e se eles acariciam sua pele clara? A ida para o Gallo Nero era uma tentativa de parar de pensar em Delphine. Nesse caso, o que ele estava fazendo?

— Vamos nadar um pouco, Malve — diz ele, afastando Delphine e as duchas com ela de sua mente.

Eles descem para a praia particular pelo elevador ao estilo James Bond. Toda a equipe de funcionários veste preto. Um primeiro garçom diz o nome de Nicolas e o número do quarto, e então eles são encaminhados para outro, que lhes oferece espreguiçadeiras.

— *Signor* Kolt, um guarda-sol, uma toalha? Na sombra, no sol, perto do mar, lá em cima, no penhasco?

De repente aparece mais um.

— Gostariam de um drinque, algo gelado, ou talvez um jornal, um cinzeiro?

Eles preferem um lugar perto do mar, com um guarda-sol, chá gelado, uma Coca-Cola para Malvina, o *Libération* (do dia anterior) para ele.

Não se trata exatamente de uma praia. Não há areia, apenas uma longa estrutura de concreto ao pé do penhasco, onde há muitos guarda-sóis, espreguiçadeiras, escadas de piscina e um trampolim. Cada vez mais hóspedes saem do elevador à medida que o sol se ergue no claro céu de julho. Nicolas ouve suas conversas e tenta adivinhar de onde são. Um casal suíço, particularmente encantador. Impossível determinar a idade, algo entre quarenta e sessenta anos. O homem é careca como uma bola de bilhar, alto, ossudo, tem as costas curvadas, mas mesmo assim parece em forma. Ela é ainda mais alta, tem músculos firmes, ombros largos e seios achatados, uma verdadeira Olívia Palito. Cabelos curtos cor de prata. Ele os observa enquanto organizam com cuidado suas roupas, toalhas, revistas e tubos de protetor solar. Não se falam, mas Nicolas percebe uma grande ligação entre os dois. O homem usa um calção de banho bem justo. Ela, um maiô estilo olímpico. De repente eles se levantam, como dois grandes pássaros magros prontos para alçar voo. Ela coloca uma touca, ele ajusta os óculos de natação. Calçam pés de pato e se deslocam até a extremidade da prancha de concreto com uma elegância peculiar, em perfeita harmonia — e Nicolas imagina que isso tenha se repetido muitas e muitas vezes ao longo dos anos. Mergulham no mar e sem nenhum esforço come-

çam a dar braçadas de crawl. Nadam sem parar até chegar ao recife marrom a uns oitocentos metros de distância. Ao voltar, tomam uma ducha nas cabines próximas e reaparecem com roupas de banho secas. Quando passam por ele, Nicolas repara no Girard-Perregaux Sea Hawk no pulso do homem. Eles percebem que Nicolas os observa e sorriem. Durante dez minutos, passam protetor solar no corpo e depois um no outro, com movimentos precisos e grande concentração.

Chega uma família belga. Nicolas reconhece os belgas com facilidade, por causa de sua mãe. O pai e o filho são atarracados, têm cabelos ruivos e pele avermelhada. O filho deve ter a idade de Malvina e parece estar engordando. Seu nariz sardento está queimado de sol. Usa um calção de banho de uma marca francesa da moda. O pai é uma versão mais velha do filho, usa o mesmo calção de banho (vermelho) e um Blancpain Fifty Fathoms no pulso. A mãe é uma daquelas mulheres ágeis e musculosas, com um biquíni verde que lhe cai muito bem. Ela lê um livro. Nicolas se esforça para espiar, mas já sabe. *De Envelop*, edição flandrina lançada junto ao filme, com Robin Wright na capa. Ele começa a se habituar a isso também, a encontrar seus leitores aonde quer que vá. A filha tem quadris largos e coxas grossas, mas é atraente. Fones grudados nos ouvidos. Lê uma revista. Unhas roídas até o sabugo. Nem a metade da sofisticação da mãe. O pai distribui notas de vinte euros para os garçons de preto. Tem gestos suaves e um ar blasé. *Grazie, prego*. Acena para eles com a mão rosada e roliça.

Nicolas se deita na espreguiçadeira com o rosto voltado para o céu, como um girassol ávido pela luz dourada do dia. As narinas se alargam para capturar o aroma particular trazido pelo vento quente e seco, um perfume de ciprestes e pinheiros, com notas de limão e sal. A última vez que se deliciou com aquela fragrância foi no verão de 2003, durante a viagem com François à Ligúria. Nicolas voltou outras vezes à Itália (Milão, Roma, Florença) depois que o furacão Margaux provocou uma reviravolta na sua vida em 2008 (foi assim que ele descreveu o livro para os jornalistas), mas nunca à costa italiana. Ele se lembra do trem noturno empoeirado de Paris para Milão, depois do trem menor de Milão para Camogli. Os dois amigos se hospedaram em uma pensão despretensiosa dirigida por Nancy e Bob, um simpático casal canadense de cinquenta e poucos anos. Quando chegaram a San Rocco, descobriram que precisariam caminhar até a casa (não havia táxi nem carro) e arrastar as malas por estreitas ruelas de paralelepípedos.

Foi também à comuna de Camogli que uma desgrenhada Margaux Dansor, sua heroína, chegou certa manhã, interessada no rastro do segredo de família que acabaria transformando a vida dela. A personagem também tinha arrastado sua mala ruidosamente até a casa branca de pedra. Nicolas sorri ao se lembrar de como Nancy e Bob ficaram radiantes ao saber que ele os tinha colocado no livro. Mudara seus nomes para Sally e Jake, mas o casal era facilmente reconhecível: Bob, com seu vistoso rabo de cavalo e um tapa-olho que lhe dava um ar de capitão Jack Sparrow, e Nancy, com seu traseiro avantajado de Vênus Hotentote, que provocava comentários obscenos sussurrados entre François e ele. No romance, Nicolas descrevia a residência de Bob e Nancy exatamente como era. As paredes desiguais, o terraço irregular ladrilhado, onde todas as noites ele bebia limoncello até sua cabeça quase explodir de dor e seu cérebro paralisar, embaçando a incrível vista da baía. Os quartos pequenos, arejados e com teto alto, pintados de azul e verde, a instalação hidráulica precária, a cozinha e seus aromas, a massa fresca com molho pesto, muçarela e tomates em um leito de rúcula. Os únicos outros hóspedes eram uma esteticista de Los Angeles, muito magra e bronzeada como uma torrada crocante, e sua filha tímida e gordinha, que lia Emily Dickinson à sombra. No filme de Toby Bramfield, todos os personagens eram exatamente iguais ao que Nicolas imaginara.

De repente, ele se pergunta como está François. Quando foi a última vez que conversaram, que almoçaram ou jantaram juntos? Ele não consegue lembrar. É isso que acontece com quem vive desse jeito, sempre dentro de um trem, de um avião, horas a fio em salas de espera, muitas mensagens para responder, e-mails acumulados, excesso de convites, propostas, solicitações. Não sobra tempo para ver os amigos, a família, as pessoas que importam. Mais uma vez o sentimento de culpa. Precisa ligar para François. Eram amigos desde a adolescência, quando ele ainda se chamava Nicolas Duhamel e frequentavam o prestigiado Lycée Louis-le-Grand, e depois os dois puxadíssimos anos das aulas preparatórias com especialização em ciências humanas, hypokhâgne (primeiro ano) e khâgne (segundo ano), para conseguirem ingressar nas Grandes Écoles, instituições francesas de ensino superior de maior prestígio. Nicolas acabou repetindo o segundo ano e passou a ser chamado de "khûbe", o apelido que os alunos davam para os repetentes. Enquanto François seguia firme e forte, Nicolas tropeçava, para desespero de sua mãe. Embora consciente do tanto que precisava estudar, desde o início se sentira derrotado pela

quantidade de trabalho, pelo nível de estresse permanente, pelo sarcasmo de alguns professores. Isso fazia parte do mito da exigência das prestigiadas aulas preparatórias de ciências humanas que sua mãe cursara com brilhantismo na juventude. Além do tempo em sala e dos deveres de casa, Nicolas passava muitas horas por semana fazendo provas trabalhosas e "colles" (outro tipo de avaliação, grafada "khôlles" para parecer uma palavra grega, mais uma piada interna dos alunos do khâgne, o segundo ano). No entanto, não havia nada remotamente engraçado nos "khôlles", que logo se tornaram um pesadelo para Nicolas. Uma hora para preparar uma curta dissertação sobre determinado assunto. Depois, vinte martirizantes minutos para apresentar oralmente o trabalho a um professor mordaz. François se destacava nos temidos "khôlles", e até o mais severo dos professores, com as mais rigorosas expectativas, se curvava, ainda que com relutância, diante de tal supremacia. François nunca demonstrou sinal de desânimo ou apatia, ao contrário de Nicolas, que emagrecia, não conseguia dormir, ficava deprimido. Como um piloto de um caça que se esquiva de mísseis, François seguia com grande sucesso rumo ao altamente competitivo exame nacional que os aguardava, o Santo Graal de um concurso que aprovaria apenas uma pequena elite. Nicolas sabia, desde o início, que não tinha essa ambição. François, sim, e estava ciente de que era a pepita de ouro com a qual aquelas instituições sonhavam, a casta que formava professores, mestres, futuros ganhadores do Prêmio Nobel. A primeira vez que Nicolas foi reprovado no exame final, sem nem ao menos se classificar na categoria "sous-admissible", os parcialmente aprovados, o grupo da segunda chance, François já chegava ao firmamento da École Normale Supérieure de Paris, apelidada de "Ulm" por se localizar na rua com esse nome.

A viagem à Itália tinha sido o modo de eles recuperarem o tempo perdido, de retomar a antiga amizade após a tensão do khâgne e o fracasso de Nicolas. François já recebia um salário por ser um orgulhoso aluno da École Normale, enquanto Nicolas batalhava sem muita convicção, ainda morando na casa da mãe, mal conseguindo equilibrar as finanças com as aulas de filosofia que dava para alunos desinteressados. François continuava sendo uma pessoa bem-sucedida, para quem tudo parecia fácil. Mas todas as coisas mudaram com a chegada do furacão Margaux, cinco anos depois. Com exceção de François e Lara, os únicos do passado que continuaram a fazer parte de sua vida, os novos amigos de Nicolas pertencem ao mundo editorial. Escritores, jornalistas, editores, assessores de imprensa, livreiros. Ele os encontra em eventos

literários, programas de rádio ou televisão, coquetéis, lançamentos de livros, boates. Tem os e-mails deles, os números dos celulares, é amigo no Facebook e os segue no Twitter. Dá abraços, tapinhas nas costas, afaga seus cabelos, mas pouquíssimos são realmente próximos. Nicolas fica bêbado ou se droga com eles, às vezes transa com uma ou duas das mulheres do grupo, mas o que essas pessoas sabem sobre ele, além do que descobrem nos jornais ou no Twitter? Nada. Por outro lado, ele também não sabe nada sobre os supostos amigos. Tem consciência do vazio de sua vida e do fato cruel de que, embora o mundo inteiro agora saiba seu nome, ele, na verdade, está sozinho.

Cada vez que Nicolas pensa em François, como neste exato momento, enquanto seus olhos percorrem o mar esplêndido, os hóspedes se deleitam com o sol e funcionários servem bebidas e frutas, é confrontado com suas próprias inadequações na condição de amigo. Não tinha decepcionado François? Não tinha deixado de ligar para ele, querendo telefonar, mas sempre deixando para o dia seguinte até se esquecer de vez? Ainda assim, François havia sido o irmão que ele nunca teve, o companheiro das aulas de judô e de tênis, seu confidente quando as garotas se tornaram uma obsessão, o ombro amigo quando seu pai morreu. François tinha um rosto comprido, sério, usava óculos desde criança, e os adultos confiavam nele. Isso se mostrara útil quando eram mais novos e exageravam nas travessuras. Como no "incidente do queijo", por exemplo. Nicolas tinha sido punido pelo diretor, o detestável *monsieur* Roqueton, porque mais uma vez não entregara o dever de casa. Durante o horário de almoço em um abafado dia de verão, François entrou com ar inocente no gabinete de *monsieur* Roqueton, munido de um fedorento Camembert. Com grande habilidade, desaparafusou o bocal de um telefone antigo, enfiou pedaços de queijo dentro e voltou a fechá-lo. Alguns dias depois, o fedor se tornou insuportável. Ninguém conseguia usar o telefone sem ter vontade de vomitar. Nicolas sorri, quase dá uma gargalhada ao lembrar. Nunca foram descobertos. Aquilo tinha sido uma grande vitória!

Há outra lembrança de que Nicolas gosta muito. Granville, na Normandia, no verão de 1999. Nicolas e François tinham dezessete anos. Os pais de François eram donos de uma casa branca e marrom, com vigas de madeira no estilo germânico e um jardim que descia até a praia. Todos os verões, em agosto, Nicolas passava duas semanas com os Morin. Sentia-se parte da família. François tinha duas irmãs mais novas, Constance e Emmanuelle, e um irmão mais velho, Victor. Seus pais, Michel e Odile, organizavam todos os anos uma

grande festa no período em que Nicolas ficava com eles. Cerca de cem pessoas participavam. As garotas usavam seus mais belos vestidos de verão. Odile ia ao cabeleireiro. Michel exibia o bronzeado usando sua calça jeans branca favorita e uma camisa de brim azul aberta até o umbigo. Victor, Nicolas e François vestiam camisetas lisas e bermudas. Houve um verão em que choveu muito, e a festa aconteceu com todos dentro de casa. Foi muito divertido. Mas, naquele verão que Nicolas e François jamais esqueceriam, Odile convidou um casal novo na cidade, Gérard e Véronique, que chegou com uma amiga, a parisiense Nathalie. As mulheres deviam ter trinta e poucos anos, o marido era mais velho. Véronique era gordinha e loura. Nathalie era alta, magra, com cabelos escuros e as pernas mais compridas que Nicolas já vira. Usavam o mesmo vestido apertado, mas de cores diferentes; o de Véronique era preto, e o de Nathalie, branco. Gérard se juntou ao pessoal mais velho, mas Véronique e Nathalie pegaram seus drinques, atravessaram o jardim rumo à praia e, com gestos elegantes, logo tiraram as sandálias de salto alto. O sol começava a se pôr, manchando o mar de vermelho. A praia estava deserta. Com acenos e gestos, as duas convidaram Nicolas e François para lhes fazer companhia. Durante algum tempo, os quatro permaneceram sentados na areia e conversaram. Quando suas taças ficaram vazias, Nicolas correu até a casa e escondeu uma garrafa de champanhe sob a camiseta. O sol por fim desapareceu e a escuridão desenhou sombras convidativas ao redor deles. Nathalie, a morena de pernas compridas, deu uma tragada no cigarro que segurava com delicadeza entre os dedos magros e dourados. De onde estavam, podiam ouvir a música e as risadas da festa dentro da casa. Nathalie quis saber se eles tinham namorada. A pergunta constrangeu François, que não fazia tanto sucesso com as garotas quanto Nicolas. Depois Véronique, a loura, perguntou-lhes, com voz baixa e insinuante, o que já tinham feito com uma garota, em termos de sexo. Nicolas reparou como as duas estavam perto deles e como as coxas bronzeadas de Nathalie roçavam sua panturrilha cada vez que ela se mexia. Sob o suave clarão azulado da noite, o colo de Véronique exibia uma fenda profunda e leitosa. Ele contou, com muita sinceridade, que todas as suas namoradas haviam sido da escola, meninas da sua idade. Até então transara com seis delas, em festas, bêbado, no banheiro ou na cama de alguém. Apenas uma havia sido uma surpresa agradável, disposta a tentar tudo com a energia e ferocidade de um trabalhador do stakhanovismo. Quando a novidade perdeu a graça, Nicolas se cansara da garota. As duas mulheres com eles na praia naquela noite eram de outro nível. Irradiavam uma sensualidade lânguida e misteriosa.

— Sua namorada te beija assim? — sussurrou Véronique para François.

E, antes que o rapaz conseguisse pensar em uma resposta, a mulher colou os lábios nos dele. O braço insinuante de Nathalie envolveu o pescoço de Nicolas. E então ela o beijou como ele jamais havia sido beijado.

Alguém poderia vê-los da casa, pensou ele por um instante, ao mesmo tempo em que acariciava, extasiado, a pele macia sob o vestido leve. De repente, se viu com Véronique nos braços, e Nathalie tinha ido beijar François. Nicolas cedeu aos novos lábios colados aos seus. Era difícil resistir ao desejo de tocar seus seios, e quando, com a ajuda dela, sua boca provou-os em toda a plenitude, ele achou que desmaiaria de prazer. O que teria acontecido, ele se perguntou muitas vezes, se o marido de Véronique não a tivesse chamado do jardim? Será que ele os tinha visto? Os quatro se levantaram às pressas, limpando com as mãos a areia das roupas. Entre risadas, as mulheres ajeitaram os cabelos. Nicolas, atordoado, mal conseguia manter-se de pé. O rosto de François estava lívido, os lábios inchados e vermelhos. Parecia prestes a desmaiar. Indiferentes, as mulheres pegaram suas taças e os sapatos e voltaram para a casa de braços dados, despreocupadas, gritando para Gérard que estavam a caminho. François e Nicolas esperaram um pouco antes de segui-las. Quando voltaram para a festa, nervosos e corados, Gérard, Véronique e Nathalie já tinham ido embora. Nicolas nunca mais as viu. No entanto, sabia que jamais esqueceria aquela noite. Durante anos, bastava sussurrar "Granville" para François, com um sorriso de cumplicidade, para que as lembranças daquele evento voltassem à sua memória, intactas.

Nicolas se levanta para dar as primeiras braçadas. Mais tarde, mandará uma mensagem de texto para François. Ele olha para Malvina, encolhida como um animalzinho sob o guarda-sol, dormindo. O rosto dela ainda está pálido. Ele mergulha no mar e, quando ergue a cabeça para respirar, sente um misto de prazer e alegria, o prazer da carícia aveludada em sua pele, a alegria de voltar a experimentar a sensação da qual sentia saudade desde Camogli. Aqui a profundidade do mar é grande. A água é de uma transparência absoluta. Nicolas consegue enxergar o fundo do mar coberto de claras pedras ovais e observar os peixes prateados passando a toda velocidade. Abre os braços e as pernas como uma estrela-do-mar e flutua na superfície. Sob a água, seus ouvidos percebem o ruído suave de um barco próximo.

Três dias. Três dias felizes. Três dias só para ele nesse refúgio lindo e silencioso, nessa imensidão azul. Ninguém sabe onde ele está. Não tuitou seu

destino, não postou nada no Facebook. Se alguém precisasse dele, seu BlackBerry estava lá para fazer o serviço. "Aproveite e descanse, *signor*", dissera o sorridente funcionário à disposição dos hóspedes na praia enquanto estendia uma toalha na espreguiçadeira. Três dias para fazer de conta que escrevia um livro. Três dias de puro ócio.

Malvina abre um dos olhos enquanto ele se seca.

— Você devia nadar um pouco — sugere ele.

Ela dá de ombros.

— Não estou me sentindo muito bem.

— Será que foi alguma coisa que você comeu?

— Talvez.

Ela volta a se aninhar na espreguiçadeira.

Já é quase meio-dia. O sol está a pino. A morena de cabelos crespos e o sujeito peludo chegam. Ele continua grudado ao celular (em algum momento não está?), e ela se equilibra em sandálias chamativas de salto plataforma. Depois que decidem onde se sentar, e já de posse das grossas toalhas pretas e brancas bordadas com as iniciais GN, ela se levanta. Devagar e de forma provocante, tira a parte de cima do biquíni, como Rita Hayworth livrando-se de sua famosa luva. Seus seios são arredondados e firmes, os mamilos, rosados. Não são seios artificiais. São gloriosos e verdadeiros, balançam levemente e Nicolas, em pensamento, os devora com sofreguidão. Ela começa a passar protetor solar neles, e Nicolas mal consegue acreditar que a mulher ousa fazer aquilo, naquele lugar, naquele instante, com movimentos tão lentos e deliberados. Todos os homens a observam. Os funcionários parecem atônitos e transpiram sob as camisas pretas. O belga fica ainda mais corado, o suíço ajeita os óculos escuros, o francês se entusiasma tanto que recebe da esposa uma cotovelada nas costelas. Apenas o namorado parece indiferente à cena. Com muita categoria, Nicolas desvia o olhar logo antes de Malvina perceber.

Aprendeu a ser esperto com relação a Malvina. A paixão parece estar acompanhada de um ciúme intenso e silencioso. Ela detecta o mais remoto sinal do que imagina ser uma ameaça. Pode ser uma fã muito ardorosa, uma leitora amável demais, ou apenas uma garota atraente. Dois meses antes, quando Malvina foi embora de Londres, abandonando os estudos e os amigos que tinha na cidade para morar com ele em Paris, na rue du Laos, Nicolas descobriu a obsessão doentia que a jovem tinha pelo passado dele, pelo relacionamento com Delphine. Viu que era impossível fazer Malvina aceitar que

Delphine e ele tinham se tornado apenas amigos depois do rompimento e que ele precisa desse vínculo especial com a ex-namorada. Malvina não entende como ele consegue ser "amigo" de Delphine. Ela tem certeza de que Nicolas e Delphine ainda são amantes. E que qualquer mulher razoavelmente atraente é uma ameaça para seu relacionamento com ele.

Por conta disso, o BlackBerry de Nicolas jamais toca, nem sequer vibra. Ele tem um extremo cuidado com isso. Até deixou de lado seu adorado iPhone quando começou a sair com Malvina, em 2010. O iPhone 3GS, ele explicou a um jornalista simpático em Oslo, é um dispositivo desastroso para quem é vigiado e namora uma pessoa ciumenta. As mensagens aparecem diretamente na tela, assim como o nome do remetente, além das ligações perdidas. Um pesadelo. "Troque por um BlackBerry se você tem segredos", aconselhara ele, rindo. Malvina não vira a matéria norueguesa com essa mesma legenda e a foto dele brandindo seu BlackBerry enquanto tomava uma dose de Løiten Linie Akevitt. Um pequeno milagre, considerando que ela passava horas rastreando-o on-line, controlando cada comentário que ele postava no Facebook e no Twitter e, pior ainda, todas as respostas postadas por mulheres. Com cento e cinquenta mil seguidores no Twitter e mais de duzentos e cinquenta mil em sua fanpage no Facebook, Malvina com certeza tinha com o que se ocupar.

Agora, o único sinal do recebimento de alguma mensagem de texto ou de um e-mail é uma pequena luz vermelha piscante. A tela permanece apagada. Nada aparece nela. O BlackBerry é protegido por uma senha que muda a todo instante. Ele sabe como consultar rapidamente o telefone, quando Malvina está ocupada com outra coisa. É uma arriscada batalha diária. Ele leva o BlackBerry para o banheiro sem ser notado, escondido na manga como se fosse droga. Na privacidade do toalete, consegue checar num instante seus e-mails e as mensagens de texto, dar uma olhada em sua página no Facebook, conferir seu Twitter. Naquela manhã, enquanto Malvina vai ao banheiro (o que significa quatro ou cinco minutos de folga), ele vê depressa que há novos e-mails em sua conta pessoal, um de Alice Dor, sua editora francesa, um de Dita Dallard, sua assessora de imprensa, um de Bertrand Chalais, um jornalista francês que era seu amigo. Outro ainda de Patrick Treboc, um amigo escritor com quem às vezes frequenta algumas festas. Na outra conta de e-mail, associada ao seu site, há cerca de cinquenta novas mensagens de leitores do mundo inteiro. No início, ele costumava responder a todos, mas isso foi logo que o livro saiu, antes

de aparecer nas listas de mais vendidos e de ser traduzido para todas aquelas línguas. Logo que começou a receber e-mails, Nicolas os considerava uma surpresa agradável. Mas, quando as mensagens rapidamente se multiplicaram, à medida que o livro era publicado em outros países, galgava posições nas listas, e depois de, por fim, o filme ter sido lançado, ele percebeu que não havia saída. "Contrate um assistente que responda por você", tinha sugerido outro escritor amigo, mas Nicolas não achava isso justo. "Apenas leia e não responda", alguém mais aconselhara. Foi o que ele acabou fazendo.

Naquela manhã, o mais importante no BlackBerry de Nicolas é o logo azul na tela. Uma mensagem no BlackBerry Messenger. Ele sabe que é de Sabina. Não há tempo para responder naquele exato momento, mas ele a lê rapidamente, com o coração acelerado, e apaga na mesma hora. "Estou sem roupa, faz muito calor no meu quarto e estou pensando em você. Quer saber o que estou fazendo agora mesmo, Nicolas?" Ele é obrigado a apagar qualquer mensagem de Sabina assim que a lê. Não há outro jeito.

Abril passado. Berlim. Uma sessão de autógrafos na Dussmann das KulturKaufhaus, na Friedrichstrasse. Ela esperara pacientemente na longa fila. Entregara a ele um exemplar de *Der Umschlag* (edição alemã, com a capa sépia como se fosse um cartão-postal de Camogli na década de 1950, um vislumbre de mar, a cidadezinha no meio do penhasco, os ciprestes muito verdes). Ele perguntara em um tom gentil: "Seu nome, por favor?", como sempre fazia. E ela respondera: "Não é para mim, é para o meu marido. O nome dele é Hans." Havia algo de especial em seu olhar. Uma loura platinada com um trench-coat. Uns quinze anos mais velha do que ele, imaginou. Bonita, com feições quase felinas, sorriso contido. Lembrava Charlotte Rampling em *O porteiro da noite*. Ele autografara o livro. No instante em que se virava para ir embora, a desconhecida enfiou rapidamente um pedaço de papel na mão de Nicolas. Ela então desapareceu, e o leitor seguinte já entregava ao autor mais um exemplar. Ele só leu o papel vinte minutos mais tarde, quando Ursula, sua editora alemã, conseguiu afastá-lo da longa fila de fãs para uma pequena pausa. No papel havia apenas uma sequência de algarismos que ele reconheceu no mesmo instante. O número PIN de um BlackBerry. Para mensagens no BlackBerry Messenger.

Naquela mesma noite, após uma entrevista interminável no Institut Français, em Kurfürstendamm, com um jornalista chato que só fazia perguntas óbvias, aquelas que ele não suportava mais ouvir, mesmo sabendo que não

tinha escolha (Em que medida o livro trata de sua própria vida? Alguma vez já encontrou uma carta como aquela na vida real? Margaux Dansor foi inspirada na sua mãe? Como sua família reagiu quando o livro foi publicado? Toby Bramfield comprou os direitos de adaptação cinematográfica na semana do lançamento do livro? É verdade que você faz uma participação no filme? Do que trata seu segundo livro?), ele, por fim, voltou para a requintada privacidade de sua suíte no Ritz-Carlton, na Potsdamer Platz. Tirou os sapatos, ligou a TV, zapeou pelos canais de notícias e de pornografia, vasculhou o frigobar à procura de champanhe e acomodou-se no sofá, jogando para o lado caixas de chocolates, cartões de boas-vindas, cestas de doces, exemplares para autografar para a equipe de vendas. Era tarde demais para ligar para Malvina. Faria isso na manhã seguinte. Tirou o pedaço de papel do bolso e contemplou-o por um instante. Na tela da TV, um frenético ménage à trois. Ele tirou o som, tomou um gole de champanhe e observou o trio por alguns minutos. Em seguida, teclou o PIN no seu BlackBerry.

Sabia que não devia fazer isso. A mulher com olhos verdes e feições felinas era sinônimo de problema.

A jornada apaixonante de um escritor em busca de sua identidade

Aos vinte e quatro anos, Nicolas Duhamel se depara com um segredo perturbador, há décadas mantido a sete chaves por sua família. Perplexo, ele parte em uma cruzada na busca por suas verdadeiras origens, uma empreitada que o inspira a escrever seu primeiro romance, *O envelope*. Após três anos do inesperado e estrondoso sucesso mundial do livro, Nicolas é um autor vaidoso, com muitos fãs, obcecado pela fama e pelas redes sociais a ponto de deixar de lado família e amigos. Contudo, não consegue escrever nem uma linha sequer. Hospedado em um luxuoso resort na costa da Toscana, ele tenta vencer o bloqueio criativo, mas, em vez da paz e da tranquilidade que lhe permitirão criar a outra história, o que Nicolas encontra poderá colocar em jogo todo o seu futuro.

"Uma narrativa ágil e brilhante."
BookPage

ISBN 978-85-8057-933-8
9 788580 579338
www.intrinseca.com.br